

## **Trabalho e ser social: uma análise crítica acerca da relação onto-histórica**

**Work and social being: a critical analysis of the onto-historical relationship**

**Trabajo y ser social: un análisis crítico de la relación onto-histórica**

Recebido: 13/01/2023 | Revisado: 23/01/2023 | Aceitado: 24/01/2023 | Publicado: 28/01/2023

### **Felipe Néo dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5721-3304>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil  
E-mail: [felipeneo90@gmail.com](mailto:felipeneo90@gmail.com)

### **Danielle de Menezes Vieira Néo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1543-4525>  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
E-mail: [daniellemenezes9307@gmail.com](mailto:daniellemenezes9307@gmail.com)

### **Raimundo Jackson Nogueira da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9534-6431>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil  
E-mail: [jacksoneafi13@gmail.com](mailto:jacksoneafi13@gmail.com)

### **Fabiano Geraldo Barbosa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9303-9523>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil  
E-mail: [fabiano.barbosa@ifce.edu.br](mailto:fabiano.barbosa@ifce.edu.br)

### **Rosângela Ribeiro da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3699-6327>  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil  
E-mail: [rosangelaribeiro@unilab.edu.br](mailto:rosangelaribeiro@unilab.edu.br)

### **Emanoel Almeida Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil  
E-mail: [emanoel.almeida@ifce.edu.br](mailto:emanoel.almeida@ifce.edu.br)

### **Resumo**

O presente estudo teve como objetivo geral analisar criticamente a categoria trabalho e sua relação com a constituição do ser social em um processo onto-histórico, sendo os objetivos específicos: a) averiguar a categoria trabalho e sua historicidade; b) investigar o trabalho enquanto categoria fundante na gênese e no desenvolvimento do ser social; e c) verificar as transformações da categoria trabalho e suas determinações nos complexos sociais. Em termos metodológicos, a pesquisa se baseou no método ontológico, a partir de uma abordagem qualitativa e de uma investigação bibliográfica. Para tanto, tomou-se, fundamentalmente, como referências as proposições teóricas dos seguintes autores: Lessa (2015), Lukács (2013), Marx (2013), dentre outros. Os resultados e discussões apontaram que ao transformar a natureza, o ser social altera sua consciência para explorar o mundo exterior à medida que vai produzindo novas objetivações, gerando novas causalidades e instituindo determinações sociais de modo que possa modificar a realidade com conhecimento do concreto. Nas considerações finais, salientou-se que é mediante o trabalho que são desenvolvidas novas relações de produção em que o ser social, principalmente a classe trabalhadora, perpassa por um processo educativo a fim de estruturar uma nova humanidade com qualificação tecnocientífica.

**Palavras-chave:** Trabalho; Ser social; Sociedade; Processo histórico.

### **Abstract**

The general objective of this study was to critically analyze the category of work and its relationship with the constitution of the social being in an onto-historical process, with the specific objectives being: a) to investigate the category of work and its historicity; b) investigate work as a founding category in the genesis and development of the social being; and c) verify the transformations of the work category and its determinations in the social complexes. In methodological terms, the research was based on the ontological method, from a qualitative approach and a bibliographic investigation. For this purpose, the theoretical propositions of the following authors were fundamentally taken as references: Lessa (2015), Lukács (2013), Marx (2013), among others. The results and discussions pointed out that by transforming nature, the social being alters his consciousness to explore the outside world as he produces new objectifications, generating new causalities and instituting social determinations so that he can modify reality with knowledge of the concrete. In the final considerations, it was emphasized that it is through work that new production relations are developed in which the social being, mainly the working class, goes through an educational process in order to structure a new humanity with techno-scientific qualification.

**Keywords:** Work; Being social; Society; Historical process.

## Resumen

El objetivo general de este estudio fue analizar críticamente la categoría de trabajo y su relación con la constitución del ser social en un proceso ontológico, siendo los objetivos específicos: a) investigar la categoría de trabajo y su historicidad; b) investigar el trabajo como categoría fundante en la génesis y desarrollo del ser social; y c) verificar las transformaciones de la categoría trabajo y sus determinaciones en los complejos sociales. En términos metodológicos, la investigación se basó en el método ontológico, desde un enfoque cualitativo y una investigación bibliográfica. Por ello, fundamentalmente, se tomaron como referentes las proposiciones teóricas de los siguientes autores: Lessa (2015), Lukács (2013), Marx (2013), entre otros. Los resultados y discusiones señalaron que al transformar la naturaleza, el ser social altera su conciencia para explorar el mundo exterior en la medida que produce nuevas objetivaciones, genera nuevas causalidades e instituye determinaciones sociales para que pueda modificar la realidad con el conocimiento de lo concreto. En las consideraciones finales, se destacó que es a través del trabajo que se desarrollan nuevas relaciones de producción en las que el ser social, principalmente la clase obrera, pasa por un proceso educativo para estructurar una nueva humanidad con calificación tecnocientífica.

**Palabras clave:** Trabajo; Ser sociales; Sociedad; Proceso histórico.

## 1. Introdução

A essência humana é concebida pelo próprio ser social por intermédio da categoria trabalho. Primeiramente, na esteira de Lukács (2013), cabe salientar que o trabalho é a base ontológica do ser social, pois é a mediação para o salto ontológico do ser natural para o ser social. Assim, o trabalho fornece circunstâncias objetivas e subjetivas imprescindíveis à vida humana no processo de humanização, conseqüentemente, é indispensável para solucionar complexos sociais.

O trabalho é uma categoria estruturante do ser social que, ao produzir o conteúdo da riqueza material, realiza um processo de objetivação e exteriorização pelo qual se constitui sua própria humanidade. Nesse sentido, Lessa (2015) aponta que a categoria do trabalho é a protoforma do agir humano. Embora, a ação humana não deve ser restringida à ação do trabalho, tendo em vista que o trabalho consiste no fundamento ontológico das diferentes formas da práxis social.

O trabalho se exterioriza, se estabelece e se complexifica no decurso do tempo, desse modo, torna-se um processo ontológico-histórico. Nessa perspectiva, a vida humana é determinada pelo trabalho, assim, o ser social forma-se e carece de aprender a construir a sua própria existência.

Certamente, iniciamos ressaltando a centralidade do trabalho na vida humana, pois é mediante essa categoria que o homem constitui a sociabilidade humana, uma vez que é na relação com a natureza que o ser social produz uma ação transformadora, à medida que transforma a natureza, transforma si mesmo, além de estabelecer relações com outros seres sociais.

Marx (2013) afirma que o trabalho é fundante da sociabilidade humana e é um ato produtivo, pois é por meio dele que o homem busca satisfazer as suas necessidades. Para tal, o ser social dispõe de uma capacidade teleológica que consiste em uma capacidade criativa de projetar e criar novas possibilidades. E tal capacidade é o que diferencia o ser social dos demais seres vivos.

Diante do exposto, este estudo emergiu da seguinte questão: como o trabalho se desenvolveu e determinou a construção da vida humana? Diante dessa indagação, o objetivo geral apresenta-se do seguinte modo: analisar criticamente a categoria trabalho e sua relação com a constituição do ser social em um processo onto-histórico, sendo os objetivos específicos: a) averiguar a categoria trabalho e sua historicidade; b) investigar o trabalho enquanto categoria fundante na gênese e no desenvolvimento do ser social; e c) verificar as transformações da categoria trabalho e suas determinações nos complexos sociais.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa surge a partir de análise ontológica tendo o materialismo histórico dialético como aporte teórico-metodológico. Para a compreensão deste método, é fundamental considerar as três categorias nucleares de Marx, são elas: a totalidade, a contradição e a mediação. Para Masson e Flach (2018), conforme o ponto de vista marxiano, a totalidade significa

a necessidade de descobrir o real, a gênese e o desenvolvimento, isto é, compreender o concreto como síntese de múltiplas determinações.

Nesse sentido, Netto (2011) indica que é necessária a abstração de um componente em investigação para percebê-lo em sua contextualidade, devendo suspender o cotidiano a fim de considerar o real e atingir o concreto. Portanto, ao utilizar o método materialismo histórico dialético é fundamental a interpretação da realidade, da práxis e da cosmovisão para mobilizar o entendimento por meio da materialidade e historicidade da essência humana para compreender as contradições e as inúmeras determinações ao analisar os complexos sociais.

Corroborando com Colares, et al., (2021), o método materialismo histórico dialético é fundamental para a compreensão de um fenômeno social em seu processo de transformação, tendo em vista que o ser social ainda que marcado por contextos econômicos, políticos e culturais, é determinante para a composição e a transformação do real.

Deste modo, ao realizar pesquisa social deve concentrar-se no objeto a ser investigado, no sentido de apreendê-lo, identificá-lo e assegurá-lo em sua materialidade e historicidade. Desse modo, Tonet (2016) aponta que a pesquisa científica deve ser centrada na objetividade a fim de alcançar o concreto e a essência do objeto examinado. Corroborando, Santos et al (2022) consideram ser primordial analisar e compreender o objeto relacionando-o a um contexto em constate transformação e mutável.

Trata-se de uma pesquisa que tem uma abordagem qualitativa mediante uma análise bibliográfica para apresentar a temática sobre o trabalho e o ser social do ponto de vista onto-histórico fundamentado em Lessa (2015), Lukács (2013), Marx (2013), dentre outros. Acerca da pesquisa qualitativa, por considerar que é fundamental ter uma visão acerca da totalidade dos fenômenos sociais para analisar todos os elementos em suas interdependências e reciprocidades.

Conforme Gatti e André (2013), essa natureza busca a assimilação da proximidade do concreto e os modos de interpretações, além de fomentar a imersão em cenários em que são geradas as percepções do que se busca conhecer e interpretar. Nessa perspectiva, Wichnoski e Kluber (2022), afirmam que a pesquisa qualitativa proporciona a compreensão de contextos históricos e sociais, dessa forma, considera fatores da realidade e se restringe a resultados.

Ana e Lemos (2018), apontam que o materialismo histórico dialético tem se desvelado como método mais adequado para a pesquisa científica de natureza qualitativa, haja vista sua ampliação do saber social, o qual busca encontrar soluções para transformar a realidade, tanto no campo do conhecimento quanto na historicidade e na pesquisa social, pois permite refletir determinados complexos sociais e suas complexidades.

Quanto a pesquisa bibliográfica, é relevante ter o conhecimento de saberes já produzidos e de referenciais teóricos e estudos científicos acerca da temática em estudo, isto é, “a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. (Gil, 2008).

Partilhando da mesma tese, Fonseca (2002) afirma a pesquisa bibliográfica introduz o estudo científico, pois permite reunir conhecimentos acerca de uma determinada temática. Boccato (2006) aponta que a pesquisa bibliográfica efetiva o levantamento e análise crítica de material já publicado sobre temas específicos com a finalidade de atualizar, aprimorar e colaborar com futuras pesquisas.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 Trabalho e a gênese do ser social**

O trabalho é inerente ao ser humano, uma vez que apenas o ser social tem a capacidade de criar e recriar sua própria existência ao alterar a natureza para sua sobrevivência sob a mediação do próprio trabalho. Portanto, é pertinente que o trabalho seja apreciado pela sua historicidade, como segmento das conversões do dinamismo produtivo que incorpora novas condições de vida e novas esferas de conhecimento.

Nesse sentido, Silva, et al., (2021) apontam que para conhecer as transformações na sociedade é pertinente tomar conhecimento do ser humano e de suas intervenções no mundo afim de compreender que o ser social se diferencia dos seres orgânicos e inorgânicos por possui sua capacidade de produzir novidades mediante a categoria trabalho. Corroborando, Cardoso et al (2022) afirmam que o trabalho é o ato que funda o ser social pois permitiu o salto ontológico da esfera orgânica para a esfera social e, com isso, a gênese do ser humano enquanto ser social está na produção de riqueza material para um determinado fim.

Assim, Lessa (2015) menciona que Lukács considera a existência de três esferas ontológicas divergentes: a inorgânica, a orgânica/biológica e o ser social.<sup>1</sup> Essas esferas ontológicas são fundamentalmente discordantes; apesar disso, estão associadas devido à sua interação ontológica com o ser social. Desse modo, para conhecer o mundo, há a necessidade simultânea da distinção e articulação do ser com a natureza.

Isto é, a reprodução social conduz e exige outras ações que não estejam necessariamente conectadas ao trabalho. Cabe enfatizar que os variados modos de atividades humanas e sociais são implicações do trabalho, pois sem ele nunca iriam existir. Sendo assim, o trabalho está conectado às necessidades humanas, às circunstâncias materiais e às premissas políticas em que são constituídas intervenções determinadas para atender a essas exiguidades.

Diante disso, cabe destacar que a consciência emana do real, pois a existência transforma a subjetividade que é adquirida ao longo da vida, construída e transformada a partir das relações e interações com a natureza, com o mundo e entre os seres sociais, que expressam o real e transforma-o, e se apodera por meio do trabalho produzindo objetividades e exteriorizações.

Lessa (2015) aponta a importância da prévia-ideação para o ato de projetar, em outras palavras, antecipar e direcionar sua ação. Para isso, se faz necessário o uso da consciência ao elaborar o agir e, posteriormente, praticar a ação que se configura como um momento abstrato e requer materialidade na práxis social.

De tal modo, o ser social pode conscientemente analisar e delinear os efeitos ou obras de sua práxis. Nessa perspectiva, “o ser é uma categoria cujo caráter de totalidade é ineliminável e tudo que existe o faz no interior (e em relação, portanto) com esta totalidade” (Lessa, 2015). Assim, em caso de realização na prática, recebe o nome de objetividade<sup>2</sup>, isto é, a prévia-ideação se materializa em um objeto, tornando-o real e produzindo novas objetivações e causalidades, portanto, sem ela não existiriam objetivações, visto ser basilar para a compreensão de que a subjetividade é objetivada.

Além disso, existe outra relação denominada de exteriorização<sup>3</sup>, que apresenta um dinamismo entre sujeito e objeto por meio da subjetividade e objetividade. Ao produzir o novo, o sujeito mantém seu comportamento de acordo com sua consciência prévia, entretanto, após a idealização e o processo de construção da objetividade, o ser social percebe que sua criação pode ter novas causalidades, pode gerar novas habilidades e produzir novos conhecimentos.

Em outros termos, o ser social, inicialmente, age mediante o conhecimento já existente para emergir e se aprofundar a fim de desvelar o novo para produzir novas objetivações modificando sua subjetividade. Lessa (2015) destaca que há distinção ontológica entre sujeito e objeto, de modo que o ser social se corporifica por intermédio da objetivação/exteriorização, tendo em vista que não há mudança teológica do real e não há vida social sem objetivação e exteriorização. Enfim, o ser social possui a aptidão de transformar o universo de acordo com desígnios socialmente inseridos.

Lessa (2015) indica que, ao modificar o real por intermédio da objetivação de uma prévia-ideação, sucedem implicações e efeitos imprevistos que procedem em novas demandas e em novas oportunidades para permitir respostas a estas necessidades.

---

<sup>1</sup> “Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repór o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta” (Lessa, 2015).

<sup>2</sup> “O processo que se articula a conversão do idealizado em objeto, sempre com a transformação de um setor da realidade” (Lessa, 2015).

<sup>3</sup> “A exteriorização é esse momento do trabalho através do qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é confrontada com a objetividade a ela externa, à causalidade. Por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que já conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente” (Lessa, 2015).

Nesse sentido, o produto do trabalho compreende a prévia-ideação e os nexos causais concretos, pois a objetivação é a materialização do real.

Dito de outro modo, o fruto do trabalho somente ocorre por ação do ser social ao modificar a natureza, estabelecendo uma interação previamente idealizada e, posteriormente, objetivada e exteriorizada. Acerca disso, “o fato de que o ser social apenas pode existir tendo por base as esferas ontológicas inferiores naturais, pois sem a natureza, não há, em definitivo, ser social”. (Lessa, 2015).

Outrossim, o ser social possui a capacidade de transformar a natureza e seus objetivos; contudo, a natureza jamais deixará de ser natureza, por exemplo, a cadeira é produzida mediante a utilização da madeira, porém o material poderá passar por diferentes processos durante sua produção, mas em nenhum momento deixará de ser madeira. Além de que, após a fabricação, a cadeira poderá ter inúmeras utilidades, desde servir para o assento, subir para alcançar algo, apoiar-se ou colocar objetos em cima.

Desse modo, Lima et al (2020), afirmam que a produção do ser social simultaneamente com a formação humana é um processo educativo, em que trabalho e educação se relacionam à medida que os indivíduos são educados no e para o trabalho. Portanto, as pesquisas e o modo de vida na comunidade primitiva eram ligados à natureza orgânica, ocorria a predominância da objetividade. Assim, todos os seres sociais viviam da natureza em suas comunidades, do mesmo modo, a humanidade era coletiva, devido à quantidade de terras e de recursos naturais, além de que não existia a necessidade de acumulação de riquezas.

Frigotto, et al., (2005) consideram que o trabalho é uma atividade basilar da vida humana, portanto, corresponde à ontologia da práxis humana, cujo ser social transcorre de ser biológico para ser biológico e social por intermédio da ação proposital. Corroborando, Saviani (2007) afirma que somente o ser humano trabalha e educa, pois trabalho e educação são ocupações designadamente humanas. Desse modo, o devir humano<sup>4</sup> é concebido pelo próprio ser humano, isto é, o processo de produção da humanidade por meio do trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo, tornando-se um processo histórico.

Obviamente que, ao transformar a natureza, o ser social altera sua consciência para explorar o mundo exterior à medida que vai produzindo novas objetivações, gerando novas causalidades e instituindo determinações sociais de modo que possa modificar a realidade com conhecimento do concreto. Relativamente, Lessa (2015) afirma que o conhecimento exigido para a mudança do real deve-se ao reflexo do real e não da subjetividade individual, assim, o saber produzido e adquirido cumprirá sua função social.

Lessa (2015) acrescenta que a assimilação lógica do real pela subjetividade dá origem à ciência, logo, o conhecimento não pode ser restrito à troca orgânica do homem com a natureza. Nesse sentido, a evolução da sociabilidade demandou o desenvolvimento da ciência em um complexo social específico que se relaciona com a transformação da natureza.

Evidentemente, o trabalho encaminha mais o ser social do que o próprio trabalho, de tal forma que possa se firmar a fim de responder as necessidades sociais para além da relação orgânica do ser com a natureza. Com efeito, o trabalho fomenta o ser social a expandir e a aperfeiçoar as relações sociais e as habilidades para além do trabalho. Desse modo, Lessa (2015) afirma que o trabalho somente poderá ter efetividade em uma reprodução socioglobal ampla.

### **3.2 Trabalho e sociabilidade humana**

Lessa (2015) pontua que, com o desenvolvimento do trabalho e sua divisão, originou-se um novo tipo de posição teleológica, a ideologia<sup>5</sup>, que consiste em manipular a escolha das alternativas e atuar no convencimento do ser a agir em um

---

<sup>4</sup> “O devir-humano dos homens se consubstancia na constituição, historicamente determinada, de um gênero humano cada vez mais socialmente articulado e portador de uma consciência crescentemente genérica. O impulso determinante desse processo é a tendência à generalização inerente ao trabalho; por isso o trabalho é a categoria fundante do ser social” (Lessa, 2015).

<sup>5</sup> “A ideologia é uma forma específica de resposta às demandas e aos dilemas colocados pelo desenvolvimento da sociabilidade” (Lessa, 2015).

dado sentido, quer dizer, possui relação direta com a persuasão. Portanto, o desenvolvimento do trabalho suscita complexos sociais que são estabelecidos pelo próprio trabalho e por outros complexos divergentes, tais como a educação, arte, direito, ciência, política, cultura, dentre outros.

Segundo Lessa (2015), Lukács denomina dois tipos de posições teleológicas distintas, isto é, projetadas propositalmente. A primária corresponde à transformação da natureza pela permutação orgânica entre homem e natureza ocasionando uma cadeia causal, enquanto que a secundária se refere à busca por provocar determinados atos em outros indivíduos.

É importante destacar que para existir o segundo tipo necessariamente o primeiro é essencial, visto que a transformação do real mediante a objetivação está vinculada aos nexos causais existentes. Para isso, somente possui sentido ao buscar o conhecimento de alguém para realizar tal ação sobre algo existente.

Lessa (2015), seguindo as concepções de Lukács, relaciona o complexo problemático às posições teleológicas secundárias, tendo em vista que a forma de elaboração da realidade serve para tornar consciente e operativa a práxis social da humanidade. Nesse sentido, os complexos sociais peculiares têm função de regulação da práxis social de forma a atuar na reprodução da sociedade. Essa complexificação social e o surgimento das classes originam complexos singulares que possuem funções específicas para controlar os conflitos sociais antagônicos.

É fundamental perceber que a ideologia percorre um processo de evolução, assim como os complexos sociais, à medida que, nesse dinamismo, foi imprescindível a eclosão da sociedade de classes que fez emergir a luta de classes. De tal modo, Lessa (2015) sinaliza que a ideologia adotou as incumbências de fundamentar e tornar a práxis cotidiana aceitável e efetiva, principalmente, ao usá-la para servir as preferências de classe.

Dito de outro modo, na sociedade de classes há disputas ideológicas em torno de determinadas posições teleológicas que buscam corresponder a interesses da classe dominante ou dominada, ou seja, no campo ideológico, há embates para a adoção de princípios, valores e ideais que devem permear uma sociedade de classes.

Para tal, Lessa (2015) afirma que o advento da sociedade de classes fez com que a ideologia se tornasse complexa e seu complexo se complexifica, pois assume sua função política enquanto instrumento de poder entre as classes, agindo em agrupamento de ideias para auxílio do ser social na organização de conflitos de classes.

Na sociedade de classes existem divergências de ideologias que procuram tornar o real de forma operativa. Com isso, na contemporaneidade, surgiu a ideologia denominada de negacionismo<sup>6</sup>, teoria pós-moderna que busca negar o real e colocá-lo em movimento. De fato, é fundamental a compreensão de que as ideologias movimentam o real, portanto, é necessário romper com a ideologia da negação para produzir ciência que transforme a realidade e objetive a emancipação humana.

Lessa (2015), seguindo os preceitos de Lukács, assegura que o trabalho é predominantemente elemento da gênese do ser social e é fundamental para o desenvolvimento da humanidade e, conseqüentemente, da totalidade social, que desenvolve os complexos sociais parciais e faz a mediação para o impulso determinante no desenvolvimento de cada complexo. É por meio da evolução do trabalho que ocorre a permuta orgânica entre homem e natureza.

Portanto, a vida cotidiana é a mediação entre o trabalho e a formação social. Assim, “a totalidade social, [...] a forma historicamente concreta através da qual o trabalho, em cada instante, opera enquanto momento predominante do desenvolvimento

---

<sup>6</sup> “O que é o negacionismo? O que negam os negacionistas? O que eles pretendem? Talvez seja melhor começar por responder à última pergunta: eles pretendem abalar a confiança social no conhecimento produzido pelas diversas ciências. E, para isso, agem negando o valor de verdade da ciência ou do pensamento teórico-filosófico-científico. Procuram difundir a ideia que aquilo que o conhecimento teórico-científico afirma sobre a realidade de diversos fenômenos (naturais, sociais, históricos) ‘não corresponde à verdade’ – não teria a qualidade do que é verdadeiro. E ainda acusam cientistas, filósofos e teóricos de querer ‘impor uma verdade só deles’ que não corresponderia aos fatos, aos dados. Os cientistas, intelectuais, pesquisadores seriam falsários, mentirosos, alarmistas, distorceriam a realidade, distorceriam a ‘verdade’, misteriosamente oculta – que somente os negacionistas deteriam a posse, seriam os únicos que teria chegado a ela”. (De Sousa Filho, 2020, p. 3-4)

do mundo dos homens”. (Lessa, 2015). Desse modo, o trabalho é componente precursor do ser social, ou seja, pioneiro da reprodução social, no entanto, a totalidade social não deve ser reduzida à categoria trabalho.

A totalidade social, ao solucionar as premissas cotidianas, transforma o ser social e suas individualidades e constrói a completude social, que é intercalada pelas lutas de classes e pela troca entre ser social e natureza. Dessa forma, as formações sociais são acentuadas pela totalidade do complexo dos complexos.

Acerca da sociedade escravista e sociedade feudal, Lessa (2015) aponta que o desenvolvimento das capacidades humanas e forças produtivas eram abundantemente embrionárias. Desse modo, naquele cenário histórico, o ser social era caracterizado pela sua interação com a natureza ou com os deuses.

Sendo assim, a ciência tinha como base a objetividade, ou seja, o mundo determinava a vida do indivíduo e o trabalho produzia novas objetivações. Naquele contexto não existia comércio, as relações eram à base de trocas de produtos, e toda produção era destinada ao sustento do feudo. As relações de trabalho se realizavam entre o senhor feudal e o servo/camponês, que era subordinado ao senhor feudal, e não existia trabalho assalariado, fato que resultava numa dependência social entre senhor e servo.

De acordo com Pereira e Gioia (2014), a relação entre senhor feudal e servo/camponês foi enfraquecendo à medida que intensificaram conflitos, e os servos e camponeses também passaram a gerar riqueza, ocasionando produção acima do necessário para o sustento, logo, camponeses e artesãos pressionaram os senhores feudais. O sistema feudal não conseguia abranger as demandas de uma população em crescimento. A deficiência técnica e as obrigações inviabilizavam que a produção agrícola conseguisse suprir as demandas da época, além do aumento das cidades e do comércio, o sistema não conviveria com um modelo econômico nítido em seu princípio pela subsistência.

Lessa (2015) destaca que, com a mudança do modo de produção capitalista, provocou-se o afastamento do ser social das barreiras naturais, possibilitando o aparecimento da classe burguesa, que conduziu a luta de classes para a sua implantação. Vale salientar que esse distanciamento da natureza foi decorrente do processo de evolução das forças produtivas, da divisão social do trabalho e do aumento da riqueza produzida pela relação orgânica entre homem e natureza, gerando a reprodução do poder da classe dominante que requisita um exponencial complexo de atividades que buscam manter o trabalho escravo, servil ou operário.

Assim sendo, o crescimento populacional e o modo de produção foram decisivos para o surgimento da burguesia, formada por artesãos, mercadores, comerciantes, entre outros, que eram habitantes dos feudos. O desenvolvimento das cidades e a intensificação das atividades comerciais foram o estopim para que o sistema feudal entrasse em decadência. A burguesia buscava independência e uma nova economia, firmada no sistema capitalista, além de lutar pelo enriquecimento e mobilidade social.

Lessa (2015) informa que o capitalismo é capaz de reproduzir a forma social da riqueza caracterizada pelas posições teleológicas primárias e secundárias. Nesse sentido, o modo de produção de riqueza gira em torno da acumulação de capital, mesmo que haja intercâmbio com a natureza, diferentemente dos modos de produção escravista e feudal que possuíam estreita relação com o incremento de material da riqueza social, isto é, engendrava-se do intercâmbio orgânico do ser com a natureza.

Ciavatta (2005) destaca que é relevante reconhecer a mudança que se processa na sociedade capitalista e sua imensa repercussão na forma e na segmentação do trabalho, bem como sua conexão com os saberes e processos formativos. Para Saviani (2005), é elementar depreender o movimento do capital para conceber a história da sociedade e da educação na contemporaneidade.

Isto posto, torna-se pertinente investigar as relações existentes entre as transfigurações do capitalismo, do mundo do trabalho e do complexo da educação, tendo em vista o domínio da ordem capitalista. Sendo assim, a sociedade é o meio pelo

qual se pode compreender a inserção da educação, no processo global de produção da existência humana, como prática social estabelecida materialmente.

Tonet (2016) afirma que a sociedade capitalista é uma totalidade contraditória, pois o capital estabelece uma relação entre as pessoas, o qual gera uma separação; de uma parte, o detentor do trabalho acumulado, e de outra parte, o que dispõe somente da sua força de trabalho. Isto posto, o capital estabelece uma forma de sociabilidade oposta em seu âmago.

Para Frigotto (2005), Marx presumia a contradição histórica entre o progresso das forças produtivas, o trabalho social como valor de uso e o desenvolvimento das relações sociais capitalistas que condicionam e aprisionam o trabalho. Ademais, salienta que o capitalismo outorga tempo supérfluo subordinado ao trabalho alienado<sup>7</sup> e não permite o pleno desenvolvimento humano.

Conforme o pensamento de Bicalho e Jardim (2018), a educação é instrumentalizada e elaborada pelo sistema capitalista para além de intensificar o trabalho, mas, sobretudo para permitir uma melhor qualificação da mão de obra e da força de trabalho. Com isso, as novas formas de trabalho requisitaram uma nova concepção de mundo, à medida que causou crescente alienação<sup>8</sup> e o fornecimento de demandas do capital mediante seres humanos que pudessem se comportar e ter condutas favoráveis ao sistema. À vista disso, a educação foi ajustada por uma concepção produtivista direcionada para atender as demandas do capital, sobretudo, direcionadas ao mercado de trabalho.

#### **4. Considerações Finais**

Corroboramos com Lukács (2013) e Lessa (2015), pois o trabalho funda o ser social sendo determinante para a existência humana, estabelecendo o modo de viver, a sociabilidade humana e os complexos sociais. Logo, o trabalho possui dimensão ontológica, ou seja, é primordial à vida, à cultura, ao social, ao conhecimento e a sua historicidade possui inquietações na vida em sociedade.

Em suma, é a partir do desenvolvimento do trabalho que sucede a troca orgânica entre homem e natureza, assim sendo, o ser social ao modificar a natureza transforma sua consciência para analisar o mundo externo à proporção que produz novas materialidades, as quais dão origem a novas causalidades e estabelecem determinações sociais de modo que seja capaz de transfigurar a realidade social.

Concluimos que é mediante o trabalho que são desenvolvidas novas relações de produção em que o ser social, principalmente a classe trabalhadora, perpassa por um processo educativo a fim de estruturar uma nova humanidade com qualificação tecnocientífica. Nessa lógica, trata-se do aminguamento do trabalho essencial à sociedade, tendo em vista a redução do tempo livre para o desenvolvimento integral da individualidade de cada ser. O próprio capital é o contraste desse processo, pois minimiza o tempo dedicado ao trabalho como fonte de riqueza.

Com efeito, a vida cotidiana é a mediação entre o trabalho e a formação social. Desta maneira, o trabalho fomenta o ser social a expandir e a aperfeiçoar as relações sociais e as habilidades para além do trabalho. Assim, para o trabalho ter sua existência real será necessária uma reprodução social e universal extensa.

Portanto, há a necessidade de produções científicas que possam dialogar acerca da categoria trabalho e complexos sociais na contemporaneidade. Nessa perspectiva, é fundamental produzir estudos que possam relacionar a categoria trabalho e o complexo da educação na atualidade, pois o processo educativo vem sofrendo impactos do modo de produção capitalista sob o ideário neoliberal.

---

<sup>7</sup> “O trabalho alienado consiste no fato de que sob a égide do capitalismo o trabalhador não se aproprie do produto do seu trabalho, nem se reconhece no fruto dessa práxis produtiva. Contudo, o fenômeno da alienação não se reduz ao processo de trabalho capitalista”. (Sobral, 2015)

<sup>8</sup> “Em suma, o fenômeno da alienação corresponde à criação, pelos próprios homens, no fluxo da práxis social, de obstáculos à plena explicitação do gênero humano (e, portanto, das individualidades). Ao contrário da exteriorização, que corresponde ao momento de afirmação do humano, a alienação constitui um momento socialmente posto de negação do humano, uma negação social do ser humano”. (Lessa, 2015).



## Referências

- Ana, W. P. S., & Lemos, G. C. (2018). Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 4, 531-541 <http://periodicos.apps.uem.br/index.php/RECEI/article/view/1710/1669>.
- Bicalho, R., & Jardim, A. C. S. (2018). Trabalho e educação de jovens e adultos na sociedade contemporânea. *Trabalho & Educação* (UFMG), 27, 53-67. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9678>
- Bocatto, V. R. C. (2006). Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 18, 265-274. [https://arquivos.cruzeirosdueducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](https://arquivos.cruzeirosdueducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf)
- Cardoso, E. A., Tamiarana, K. H., Teixeira, R. M., Almeida, E. R., & Barbosa, F. G. (2022). O trabalho como protoforma da atividade humana. *Research, Society and Development*, 11, (16). <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38443/31736>
- Ciavatta, M. (2005). Mediações do Mundo do Trabalho: A Fotografia como Fonte Histórica. Lombardi, J. C., Saviani, D., & Sanfelice, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. (3. ed.), Autores Associados - HISTEDBR, 119-144.
- Colares, A. A., Arruda, E. P., & Colares, M. L. I. S. (2021). O materialismo histórico dialético aplicado na compreensão do fenômeno educacional. *Cenas Educacionais*, 4, 1-24. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11448>.
- De Sousa Filho, A. (2020) “A terra é plana”: O obscurantismo cínico dos negacionistas. *INTER-LEGERE* (UFRN), 3(29), 1-30. <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/23426>
- Fonseca, J. J. S. (2002) *Metodologia da pesquisa científica*. UECE.
- Frigotto, G. (2005). Estrutura e sujeito e os fundamentos da relação trabalho e educação. In: Lombardi, J. C.; Saviani, D., & Sanfelice, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. (3a ed.), Autores Associados - HISTEDBR, 61-74.
- Frigotto, G., Ciavatta, M., & Ramos, M. (2005). O Trabalho como princípio educativo na educação integral dos trabalhadores. In: Héli da Costa; Martinho da Conceição. (Org.). *Educação Integral e Sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional*. Escola Sindical São Paulo - CUT, 19-62.
- Gatti, B. & André, M. (2013). A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: Weller, Wivian e PFAFF, Nicolle. *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.), Atlas.
- Lessa, S. (2015). *Para compreender a Ontologia de Lukács*. (4a ed.), Instituto Lukács.
- Lima, J. A., Gonçalves, L. A., Batista, M. C., Almeida, E. R., & Barbosa, F. G. (2020). A relação trabalho e educação: transição no trabalho e na formação humana no contexto do toyotismo. *Research, Society and Development*, 9, (10). <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9294/8315>
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social*. II. Trad. Nélio Schneider. Boitempo.
- Marx, K. (2013). *O Capital: Crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. Boitempo.
- Masson, G., & Flash, S. F. (2018). O materialismo histórico-dialético nas pesquisas em Políticas Educacionais. *Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa*, 3, 1-15. <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/12384/209209210068>.
- Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. Expressão Popular.
- Pereira, M. E. M., & Gioia, S. C. (2014). Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: Andery, M. A.P. A., Micheletto, N., Serio, T. M. A. P., Rubano, D. R., Moroz, M., Pereira, M. E. M., Gioia, S. C., Gianfaldoni, M. T. A., Savioli, M. R., & Zanotto, M. L. B.. (Org.). *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. (6a ed.). Garamond, 163-178.
- Santos, F. N., Silva, R. J. N., Barbosa, F. G., Almeida, E. R., & Silva, S. A. (2022). Educação e crise estrutural do capital: como superar? *Conexões, Ciência e Tecnologia*. 16, 01-08. <http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/2290>.
- Savianni, D. (2007). Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, 12, 152-165. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>.
- Silva, R. J. N., Almeida, E. R., & Jucá, E. G. (2021). Trabalho e educação: a produção do conhecimento. *Research, Society and Development*, 10, (13). <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19542/18655>.
- Tonet, I. (2016). *Educação contra o capital*. (3a ed.), Edição Ampliada.
- Wichnoski, P., & Kluber, T. E. (2002). A hermenêutica na pesquisa qualitativa fenomenológica: um exemplo situado na Educação Matemática. *Revista Paradigma*, 43, 158-177. <http://funes.uniandes.edu.co/30882/1/Wichnoski2022A.pdf>